



DEUTSCH
PORTUGIESSISCHER
JOURNALISMUS-PREIS
PRÉMIO DE JORNALISMO
LUSO-ALEMÃO

3.º PRÉMIO

Tiago Carrasco

***Viragem histórica alemã visa
reconquistar a confiança dos aliados
(Deutsche historische Wende will
vertrauen der alliierten gewinnen)***

Expresso, 29.04.2022

GUERRA NA UCRÂNIA

Viragem histórica alemã visa reconquistar confiança dos aliados



Gerir a guerra tem sido difícil para o Governo de Berlim, acusado de inércia na ajuda a Kiev e de falta de coragem na aplicação de sanções

TIAGO CARRASCO NA ALEMANHA

As últimas semanas, a ucraniana Halia Yarmoliuk, 36 anos, refugiada com o filho, de nove, em casa de uma familiar em Bad Dürkheim, no Oeste da Alemanha, debateu-se com uma questão: “Se os alemães comuns são tão solidários conosco, porque é que o Governo não faz mais para ajudar a salvar as vidas dos ucranianos? Dizem que não nos dão armas porque precisam delas caso a Rússia ataque um país da NATO, mas acho preferível cederem-nos esse armamento para os derrotarmos dentro das nossas fronteiras.”

As dúvidas não são exclusivas de Halia e dos 250 mil ucranianos refugiados na Alemanha. Parceiros da NATO e da União Europeia, diplomatas, partidos da oposição e até deputados da coligação no Governo — liderada pelos sociais-democratas (SPD), com os liberais (FDP) e os Verdes — têm pressionado o chanceler Olaf Scholz a fornecer armamento pesado ao Exército ucraniano.

Desde a invasão, a 24 de fevereiro, o Executivo tinha afastado essa possibilidade, blindando-se atrás do risco de tornar a Alemanha parte ativa do conflito e da falta de formação das tropas ucranianas. “Demoradas sessões de treino para usar armas de fabrico ocidental só iriam atrapalhar o esforço de defesa”, afirma ao Expresso um porta-voz do SPD. “Isto reduz o leque de armas transferíveis. Para mais, a Alemanha e os seus aliados não podem entregar armas que conduzam ao enfraquecimento da sua capacidade defensiva.”

Com a opinião pública dividida — 47% apoiam o envio de armas poderosas, 45% rejeitam-no, segundo sondagem da “Der Spiegel” —, Scholz insistiu na segunda-feira, em entrevista à mesma revista, que a Alemanha não iria ceder artilharia pesada a Kiev. “Não pode haver guerra nuclear.”

SURPRESA EM RAMSTEIN

Foi grande surpresa, por isso, o anúncio feito na manhã seguinte pela ministra da Defesa, Christine Lambrecht (SPD), no arranque de uma reunião na base militar de Ramstein entre representantes de 40 países: a Alemanha vai disponibilizar à Ucrânia 50 Gepards, sofisticados veículos blindados de defesa antiaérea dispensados há 10 anos do Exército germânico. “Primeiro temos de verificar em que condições está esse material e se precisa de manutenção. Só depois se poderá partir para o treino e, por fim, a entrega”, diz ao Expresso Wolfgang Richter, ex-coronel e investigador no Instituto de Ciência Política. “Não vai acontecer em meia dúzia de dias. É provável que demore semanas.”

O especialista acredita que os tanques possam ter grande utilidade para a defesa ucraniana, sobretudo em combinação com ferramentas de artilharia, uma vez que se trata de “veículos ágeis, com duas metralhadoras de 35 mm, capazes de abater aviões, helicópteros, mísseis e drones até seis quilómetros de distância”. O antigo militar considera que o Governo alemão tem sido penalizado devido a um problema de comunicação, não de falta de cooperação: “A Alemanha tem feito mais do que a maioria dos outros países da NATO.”

A medida foi aplaudida por parlamentares que exigiam intervenção mais decidida, mas causou estranheza. “Parece não existir estratégia coerente na tomada de decisões”, diz Catarina dos Santos Firnhaber, primeira deputada de origem portuguesa no Parlamento alemão, eleita pela União Democrata-Cristã (partido conservador de Angela Merkel, na oposição desde o ano passado). “Os argumentos de Scholz parecem frágeis e descolados da realidade. Disse que enviar armas pesadas para a Ucrânia aumentava o risco de uma III Guerra Mundial, o que não caiu bem, visto que outros membros da NATO já tinham dado esse passo. Estes avanços e recuos minam a confiança na Alemanha, tanto a nível nacional como internacional.”

DISCÓRDIA NO GOVERNO

Também surgiram vozes dissonantes dentro do Executivo, levando três deputados da coligação no poder — Michael Roth (SPD), Marie Strack-Zimmerman (FDP) e Anton Hofreiter (Verdes) — a anteciparem-se a Scholz na visita à Ucrânia, de onde trouxeram desesperados pedidos de auxílio. “Louvo a decisão do Governo de enviar armas o mais depressa possível”, diz Hofreiter ao Expresso. “As democracias da UE precisam de se unir e muitos dos nossos aliados esperam que lideremos. Temos de impedir que percam confiança na vontade de cooperação da Alemanha.”

Ao que o Expresso apurou junto de fonte dos serviços de informações da NATO, essa quebra de confiança foi tal que os participantes em missões secretas foram aconselhados a ter cautela na partilha de informação com os alemães. A suspeita é sustentada por décadas de fortes ligações políticas e económicas de governantes alemães a Moscovo, que levaram à construção do gasoduto Nord Stream 2 ou à nomeação do ex-chanceler social-democrata Gerhard Schröder (1998–2005) para o

O risco de se envolver na guerra horroriza um país como a Alemanha, assente no pacifismo desde a queda de Hitler

No dia 12 de abril, o Presidente alemão, Frank-Walter Steinmeier, um dos decanos do SPD e ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, teve de cancelar a sua visita a Kiev por as autoridades ucranianas não o considerarem bem-vindo. “Todos conhecemos as fortes ligações de Steinmeier à Rússia”, afirmou um diplomata ucraniano ao jornal “Político”. Scholz recebeu a notícia com irritação. Uma sondagem da “Der Spiegel” mostra que 68% dos alemães acreditam que os laços com Putin prejudicam a imagem do SPD.

“As críticas são exageradas. Foi posição do partido, bem como de sucessivos Governos da CDU, que a paz e prosperidade na Europa só seriam atingidas com a incorporação da Federação Russa. Essa política de proximidade ajudou a derrubar a Cortina de Ferro e a democratizar nações do Leste europeu”, defende-se o porta-voz do SPD. “Nos últimos 10 anos enganámos-nos a avaliar o carácter de Putin, acreditando que aderiria à lei internacional. Ele desiluiu-nos.”

EX-‘NAMORADO TRESLOUCADO’

Muitos alemães temem que a relação conturbada possa atirar a Alemanha para a guerra, o que horroriza um país assente, desde a derrota de Hitler, nos alicerces do pacifismo. A retórica russa explora essa fraqueza. Sergei Lavrov, ministro dos Negócios Estrangeiros russo, alertou que o risco de uma III Guerra Mundial “é sério, é real e não pode ser desvalorizado”, tentando pressionar os países da NATO a não darem armas aos ucranianos.

“O SPD acha que se entregar tanques a Kiev estará a pisar uma linha vermelha. Putin tem armas nucleares e isso poderia ser usado contra Berlim”, explica Wulf Schmiese, analista político da estação televisiva ZDF. “Optaram por este sistema de trocas, repondo armamento de fabrico ocidental nos stocks de países como a Eslováquia, que envia as suas armas de fabrico soviético para as tropas ucranianas, já treinadas no seu uso.”

Schmiese utiliza uma metáfora passional para explicar a precaução com que os alemães lidam com Putin. “A Alemanha tinha este ‘namorado’, de temperamento conflituoso, que tentava apresentar ao mundo como um tipo em quem valia a pena apostar. De repente, ele perdeu a cabeça e a Alemanha pôs fim à relação”, ilustra. “Putin não gostou e está furioso, mata, tortura, parece não ter limites. Os seus antigos parceiros não sabem o que fazer. Afinal, um ex-‘namorado tresloucado’ é capaz de cometer os crimes mais hediondos.”

Outro problema é a resistência de Berlim ao embargo do petróleo e gás russos. A maior economia da UE recebe da Rússia 55% do gás e 34% do petróleo que usa. Firnhaber pensa que “a economia seria prejudicada, mas não conduziria a uma desindustrialização do país”. O ecologista Hofreiter corrobora: “Uma economia pujante é capaz de suportar impactos económicos como este.” Desde o início da guerra, a UE já pagou a Moscovo mais de €40 mil milhões em combustíveis fósseis, segundo o Centro para a Investigação da Energia e do Ar. “Enquanto esta receita existir, Putin pode não só financiar a guerra como pagar às agências de segurança que o ajudam a manter-se no poder”, vinca Janis Kluge, investigador do Instituto Alemão para a Segurança e Relações Internacionais.